

Campanha da Fraternidade 2018

FRATERNIDADE E SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

25 de março - Coleta Nacional da Solidariedade - Domingo de Ramos



Vós sois todos irmãos
(Mt 23,8)



POESIA

A violência escraviza e pode até matar, a Fraternidade liberta e nos faz viver

1 - Somos todos e todas irmãos e irmãs
Não somos inimigos e nem adversários
Mesmo em diferentes religiões e clãs
Devemos ser fraternos, bons e solidários
Os pensamentos que nos são contrários
Devem ser bem-vindos e nos fazem crescer
Jesus veio ao mundo para nos dizer
Que o seu mandamento é a gente se amar
A violência escraviza e pode até matar
A Fraternidade nos liberta e nos faz viver

2 - O mundo capitalista exclui e é violento
A paz de Jesus não vem sendo ouvida
Os Direitos Humanos são jogados ao vento
A justiça que é cega agora anda esquecida
A Igreja que resiste defendendo a vida
De todas as espécies e formas de ser
Os filhos de Deus precisam entender
Que ser irmãos é também sinônimo de amar
A violência escraviza e pode até matar
A Fraternidade nos liberta e nos faz viver

3 - São múltiplas as formas de violência
Há uma epidemia de homicídios no Brasil
O Estado ou fracassa ou age com insuficiência
As bancadas da bala e do boi matam com o fuzil
As mulheres são assassinadas de forma imbecil
Estão matando os jovens por gosto e prazer
Motoristas dirigem e matam depois de beber
Se tornando armas capazes de exterminar
A violência escraviza e até pode até matar
A Fraternidade nos liberta e nos faz viver

4 - O tráfico de drogas, de órgãos e seres humanos
A exploração sexual mais a prostituição
O desemprego e a miséria trazem desenganos
Os poderes são cúmplices com a corrupção
E Jesus nos dizendo na partilha do pão
Dai-lhes vós mesmos algo para comer
A Igreja conclama como que a dizer
Frente às injustiças não podemos calar
A violência escraviza e até pode até matar
A Fraternidade nos liberta e nos faz viver

5 - A violência no trânsito nos desumaniza
E a impunidade envergonha o cristão
Motorista bêbado que milhões vitimiza
Com a fórmula perversa álcool e direção
O espírito agressivo e a falta de compaixão
Também faltam campanhas para esclarecer
A cultura do medo e do matar ou morrer
A indústria da multa só para arrecadar
A violência escraviza e pode até matar
A Fraternidade nos liberta e nos faz viver

6 - A violência na Bíblia é um tema abundante
Tem que ler com atenção o Antigo Testamento
Uma exegese bem feita nos ajuda o bastante
Para sabermos que Deus não é um ser violento
Pois Deus é amor, Pai-Mãe que nos dá alimento
Libertador e misericordioso que tudo provê
Feliz é quem confia nele para o proteger
Deus lhe dá auxílio desde a aurora clarear (Sl
46/45, 6)
A violência escraviza e pode até matar
A Fraternidade nos liberta e nos faz viver

João Santiago

INTRODUÇÃO:

A proposta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é a superação da violência. As palavras do Papa Francisco no encontro com o residente Abbas Perez, no ano de 2014, nos ajudam a nos colocarmos nesse empenho: *“Ouvimos uma chamada e devemos responder: a chamada é responder a espiral do ódio e da violência, a rompê-la com uma única palavra: ‘irmão’. Mas, para dizer esta palavra, devemos todos levantar os olhos ao céu e reconhecer-nos filhos de um único Pai”*. (TB, contracapa). Jesus, o Filho de Deus, que fez bem todas as coisas (Mac 7,37) e que quis igualar-se humanamente a nós, exceto no pecado, nos ensinou a chamar a Deus de Pai (Mt 6, 9-13). A Igreja, como seguidora do Filho de Deus, Jesus de Nazaré, tem a missão, como Mãe e Educadora na fé, de nos ensinar a nos reconhecermos mutuamente como irmãos e irmãs. Esta é a primeira e a maior consequência de sermos e nos entendermos como filhos e filhas de Deus. Esta é também a condição primeira e maior para vencermos a cultura da violência, que tem hoje tanta força na sociedade, e para que sejamos sujeitos na construção de outra cultura, de fraternidade e de paz. É acreditando no ser humano, na Boa Nova do Evangelho e na conversão em três dimensões, pessoal, comunitária e social, que a Igreja se apresenta com a bandeira da superação da violência. Isto fica muito bem dito no Objetivo Geral da CF 2018, que diz: *“Construir a Fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da Palavra de Deus, como caminho de superação da violência”*. A Arquidiocese de Curitiba vem dando passos significativos rumo a uma mentalidade de comprometimento com a Fraternidade, com a justiça e com a Cultura da Paz. Juntemo-nos sob o olhar materno de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais e, filhos e filhas, deixemos a Fraternidade ser mais forte que a violência. Ecoando o refrão do hino da Campanha da Fraternidade deste ano de 2018, que diz:

Fraternidade é superar a violência! (Mt 14, 1-12)

É derramar, em vez de sangue, mais perdão! (Jo 20, 21-23)

É fermentar na humanidade o amor fraterno! (Mt 13, 33)

Pois Jesus disse que “somos todos irmãos” (Mt 23,8).

OBJETIVO GERAL

Construir a fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da Palavra de Deus, como caminho de superação da violência.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Anunciar a Boa-Nova da fraternidade e da paz, estimulando ações concretas que expressem a conversão e a reconciliação no espírito quaresmal;
2. Analisar as múltiplas formas de violência, especialmente as provocadas pelo tráfico de drogas, considerando suas causas e consequências na sociedade brasileira;
3. Identificar o alcance da violência, nas realidades urbana e rural de nosso país, propondo caminhos de superação, a partir do diálogo, da misericórdia e da justiça, em sintonia com o Ensino Social da Igreja;
4. Valorizar a família e a escola como espaços de convivência fraterna, de educação para a paz e de testemunho do amor e do perdão;
5. Identificar, acompanhar e reivindicar políticas públicas para superação da desigualdade social e da violência;
6. Estimular as comunidades cristãs, pastorais, associações religiosas e movimentos eclesiais ao compromisso com ações que levem à superação da violência;
7. Apoiar os centros de direitos humanos, comissões de justiça e paz, conselhos paritários de direitos e organizações da sociedade civil que trabalham para a superação da violência.

OBJETIVOS PERMANENTES DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

- a) Despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum;
- b) Educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho;
- c) Renovar a consciência da responsabilidade de todos pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária: todos devem evangelizar e todos devem sustentar a ação evangelizadora e libertadora da Igreja.

VER

MÚLTIPLAS FORMAS DE VIOLÊNCIA

O tema da violência, da superação da violência e, por isso, da segurança, tornou-se uma das principais realidades a serem discutidas e tem inspirado diversas formas de políticas públicas. Ao longo da década de 1990, por exemplo, cresceu significativamente o acesso aos equipamentos e aos serviços privados de proteção. O recurso a esse modelo se deve, entre outras razões, à constatação do fracasso ou da insuficiência dos meios empregados pelo Estado no enfrentamento e no controle da criminalidade. Todavia, essa aparente proteção também aumenta, colateralmente, o isolamento. Mantém-se à distância não só o potencial inimigo, mas também o amigo.

*Dividido em 3 eixos: histórico-antropológica, sócio estrutural e manifestações
Violência e suas manifestações na sociedade*

01 – A violência na convivência humana

- a) Definição do conceito violência
- b) A violência na história do Brasil
- c) Constatação da cultura da negação do outro (fenômenos: individualismos, não abertura a alteridade, criação ideológica de necessidades e felicidade, enfraquecimento dos projetos de vida, cultura do descarté)

02 – A violência e as estruturas sociais

- a) Economia/mercado – As pessoas são reduzidas a coisas e, por vezes, a menos que elas
- b) Acumulação do capital – A naturalização da miséria para milhões de famílias
- c) Consumo – Consumismo que resume o ser cidadão ao tanto que consome
- d) Desigualdade e violência promovida pela lógica do mercado – Exclusão Social
- e) Violação dos direitos fundamentais – Negação e eliminação de direitos adquiridos

Para refletir:

1 - (...) Em uma pesquisa da Rede Nossa São Paulo e Ibope Inteligência, perguntou-se para crianças e adolescentes da maior cidade brasileira quais eram seus temores e preocupações quanto à segurança. A maioria, dentre as centenas de entrevistados, declarou-se amedrontada diante da possibilidade de ser roubada ou assaltada. A vida noturna desses jovens aparece ameaçada pelo medo. Também dividem a lista o medo do tráfico de drogas e o medo da polícia. Embora constituam pouco mais de um quarto da população brasileira, nesse tipo de homicídio, eles são vítimas em 58% dos casos. Os números apontados pelo Mapa da Violência 2016 mostram que, no Brasil, cinco pessoas são mortas por arma de fogo a cada hora. A cada dia, são 123 pessoas assassinadas dessa forma. No ano de 2014, houve mais de 40 mil mortes. Essas cifras revelam que, no Brasil, ocorrem mais mortes por arma de fogo do que nas chacinas e atentados em todo o mundo. Acontecem mais homicídios no Brasil do que em diversas das guerras recentes.

2 - Entre os maiores desafios contemporâneos no campo da segurança pública, em uma perspectiva de promoção da cidadania, está o de garantir que as políticas públicas implementadas tenham em vista o aumento da solidariedade entre as pessoas, ao invés de enclausurá-las, criando-se empecilhos ou mesmo impedindo relações interpessoais humanizadas (TB nº 26).

3 - Não existe a possibilidade de se encaminhar uma solução sem a ampla e irrestrita participação da sociedade. Mostra-se razoável a suposição de que não se resolve a questão da segurança sem ações claras e determinadas no campo da educação, da saúde, do esporte, da assistência social e da cultura, entre outros possíveis setores que possam tornar mais pleno o exercício da cidadania (TB nº. 21).

4 - A escolaridade baixa ou insuficiente, por exemplo, tende a redundar em ocupações com pior remuneração e, conseqüentemente, em restrições econômicas. Em virtude de tais restrições, é comum que a pessoa não consiga se alimentar adequadamente, nem pagar pelo atendimento de saúde ou adquirir medicamentos. Por se encontrarem em uma situação de fragilidade, os pobres constituem as principais vítimas das mazelas econômicas pelas quais o país passa sucessivamente. Além disso, eles são também as maiores vítimas da violência.

Violência contra as mulheres e homens

5 - As vítimas de homicídio são, em maior parte, homens. Porém, entre 2001 e 2011, o aumento de assassinatos de homens foi de 8,1%, enquanto que os assassinatos de mulheres cresceram 17,2%. Portanto, o homicídio de mulheres passou, nesse período, por uma tendência de alta. Somente no ano de 2013, houve 4,8 homicídios a cada 100 mil mulheres. Tendo registrado naquele ano 4.762 homicídios de mulheres – 13 homicídios diários, em média –, o Brasil ocupa a quinta colocação em uma lista de 83 países. Ocorrem, aqui, 2,4 vezes mais homicídios de mulheres do que a média internacional (TB nº 83).

03 – Violência e algumas manifestações na sociedade

- a) Drogas - O narcotráfico está entre os três setores mais lucrativos na economia mundial;
- b) Processo de criminalização institucional (negligência do Estado em relação às políticas sociais; justiça punitiva);
- c) Sujeitos violentados: juventude pobre e negra; povos indígenas, mulheres (feminicídio); exploração sexual e tráfico humano; mundo do trabalho;
- d) Violência no contexto urbano e rural (conflito pela terra);
- e) Intolerância (raça, gênero e religião) - Enquanto a Igreja prega que nós somos todos irmãos e irmãs;
- f) Violência verbal;
- g) Violência no trânsito;
- h) Violência doméstica.

Para refletir:

Violência doméstica

1 - A violência contra a mulher ocorre, principalmente, dentro de casa: 71,8% das agressões registradas pelo SUS em 2011 aconteceram no domicílio da vítima. Frequentemente, o agressor é o parceiro ou ex-parceiro da vítima (43,3%). Quando se consideram apenas as mulheres na faixa de 30 a 39 anos de idade que sofreram violência, em 70,6% dos casos o parceiro ou ex-parceiro é o agressor. Pais (19,8%), irmãos ou filhos (7,5%) respondem pelo restante dos casos. Considerando a idade, constata-se que os casos de violência são mais frequentes contra mulheres jovens. Representam o dobro das situações de violência contra mulheres em outras faixas etárias (TB nº 88).

2 - Outro grupo que é vítima de violência dentro de casa é composto pelas crianças e adolescentes. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), não há dados que revelem a extensão dessa forma de violência. Muitas situações de agressão são naturalizadas e não chegam a ser nomeadas como casos de violência: são percebidas como práticas normais da educação e da convivência familiar. O abuso sexual, os ataques verbais ou físicos e a negligência constituem as formas de violência mais comuns enfrentadas por crianças e adolescentes no ambiente doméstico (TB nº 92).

3 - Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a pobreza é causa da morte de pelo menos 17 mil crianças e jovens todos os dias. 61 milhões de crianças estão fora da escola, em dezenas de países. Cerca de 1 bilhão de crianças vivem na pobreza no mundo (TB nº 95).

4 - Cerca de 75% das vítimas de tráfico de pessoas são mulheres e meninas, segundo a ONU Mulheres. Esse órgão da Organização das Nações Unidas considera o tráfico de pessoas como parte importante do crime organizado transnacional, sendo considerada uma das três atividades criminosas mais rentáveis, ao lado do tráfico de drogas e de armas (TB nº 101).

Violência contra os trabalhadores rurais e contra os povos tradicionais

5 - No Brasil, a violência no campo tem suas raízes no passado colonial. Além do genocídio indígena e da tragédia homicida que foi a escravidão, o país se munuiu, durante os séculos XIX e XX, de instrumentos legais para privar pobres e afrodescendentes do acesso à terra. Esse bem comum foi destinado prioritariamente à formação dos grandes latifúndios, enquanto os mais pobres foram submetidos a trabalhos extenuantes sem receber em troca qualquer garantia social. Essa violência e injustiça, que predominou por décadas, vem se intensificando em tempos recentes (TB nº 102).

Observação:

Violência e direito à informação:

O caso mais extremo desse tipo de prática é representado pelos programas que fazem propaganda aberta em favor da justiça como vingança social. Muito frequentemente, eles sugerem que a paz só será alcançada mediante a eliminação do criminoso. O simplismo dessa perspectiva impede a percepção da violência

em toda a sua complexidade. Apela-se, então, para saídas tão fáceis quanto ineficazes como a pena de morte, a redução da maioria penal ou a justiça com as próprias mãos. Programas sensacionalistas prestam um desserviço ao promoverem a espetacularização da miséria e da violência e ao disseminarem o punitivismo e a vingança. Transformar a pobreza em mercadoria exposta não significa, necessariamente, oferecer contribuição alguma para superá-la. Nesse sentido, a mídia não ajuda a superar a violência, mas sim a alimentá-la. As mídias podem ajudar a construir a fraternidade e a despertar para uma convivência pacífica (TB nº 134).

VER A REALIDADE DE VIOLÊNCIA NO TERRITÓRIO DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA

Vamos focar as lentes de nosso VER na realidade local. Lançar um olhar de Raio-X no chão em que pisamos, e onde somos enviados/as como missionários/as do Reino, pois a cabeça pensa aonde os pés pisam.

De acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), temos os seguintes dados de acidentes de trânsito, na Região Metropolitana de Curitiba, já que esta é uma das modalidades de violência apresentadas no Texto Base da CF-2018:

Modalidade de Acidente	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Acidentes de Trânsito - Total	33.443	38.355	16.671	19.627	16.853	14.449
Acidentes de Trânsito com Vítimas - Total	8.825	8.969	8.573	8.899	8.622	7.596
Acidentes de Trânsito com Vítimas - Colisão e Abalroamento	5.253	5.391	5.120	5.211	4.990	4.278
Acidentes de Trânsito com Vítimas - Atropelamento	1.217	1.181	1.088	1.185	1.148	1.020
Acidentes de Trânsito com Vítimas - Outros	2.355	2.397	2.365	2.503	2.484	2.298

Modalidade de Acidente	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Acidentes de Trânsito sem Vítimas - Total	24.618	29.386	8.098	10.728	8.231	6.853
Vítimas em Acidentes de Trânsito - Total	10.892	11.210	10.595	10.865	10.481	9.130
Vítimas em Acidentes de Trânsito - Feridos	10.752	11.077	10.479	10.727	10.341	9.024
Vítimas em Acidentes de Trânsito - Mortos no Local	140	133	116	112	110	82
Vítimas em Acidentes de Trânsito - Com Morte Posterior	-----	-----	-----	26	30	24

Vejam os crimes contra a pessoa na Região Metropolitana de Curitiba, também segundo o IPARDES. Os dados são dos anos de 2012 a 2015.

Modalidade	2012	2013	2014	2015
Vítimas de Homicídio Doloso	1.514	1.282	1.275	1.246
Vítimas de Roubo com Resultado de Morte (Latrocínio)	53	31	45	50
Vítimas de Lesão Corporal com Resultado de Morte	34	24	22	24
Vítimas de Homicídio Culposo no Trânsito	448	314	335	-----

Violência contra a mulher

A violência contra a mulher em Curitiba tem dados assustadores, sobretudo porque os dados registrados não representam a totalidade dos casos. Enquanto os crimes ganham requinte de planejamento e crueldade, as mulheres vão se organizando e se fortalecendo. Conforme diz relatório da RIAMULHER: *“É para assegurar esse atendimento que o Estado está se ligando em rede, a RIAMULHER PARANÁ - Rede Intersetorial de Atenção à Mulher em Situação de Violência”*. Curitiba e Região Metropolitana têm alto índice de violência contra a mulher.

Na Região Metropolitana de Curitiba, as mortes violentas de mulheres tiveram um aumento de 20%, de 2008 para 2009. Dados de atestados de óbito mostram que foram registrados 76 casos de mortes por causas violentas em 2008 e 90

mortes em 2009. A cidade de Curitiba detinha 60% das mortes da região em 2008 e 55% em 2009. As mulheres mais jovens são mais vulneráveis à violência: o maior número de óbitos ocorreu na faixa etária de 16 a 25 anos e, em 2009, também se pode incluir a faixa de 31 a 35 anos. O emprego de arma de fogo é a principal forma de agressão utilizada contra as mulheres, representando 63% dos casos em 2008 e 64% em 2009. Os dados relativos aos óbitos trazem informações sobre a violência que tiveram como consequência a morte, mas ainda ocultam outro tipo de violência praticado contra a mulher no dia a dia, como a imposição do medo e diversos tipos de violência física, moral e psicológica que produzem sofrimento físico e psíquico a ela e a toda a família (RIAMULHER).

Ainda tendo como referência o IPARDES, www.mapadaviolencia.org.br, trazemos uma tabela comparativa da violência contra a mulher, no Brasil, na Região Sul e no Estado do Paraná. Trata-se do crescente número de homicídio contra as mulheres entre 2003 e 2013.

Homicídios de mulheres, por UF e região. Brasil. 2003/2013

Ano	2003	2013	Δ% 2003/13
Brasil	3.937	4.762	21,0
Região Sul	473	595	25,8
Paraná	227	283	24,7
Curitiba	50	58	16,0

Entre as capitais, de acordo com Mapa da Violência 2015, homicídio de mulheres no Brasil, Curitiba encontra-se em nono lugar entre as mais violentas em 2013, em números absolutos.

Homicídios de mulheres, por capital e região. Brasil.

Capital	Nº de homicídios	Posição
São Paulo	167	1 ^a
Fortaleza	139	2 ^a
Salvador	115	3 ^a

Capital	Nº de homicídios	Posição
Rio de Janeiro	115	4 ^a
Brasília	79	5 ^a
Belo Horizonte	76	6 ^a
Goiânia	68	7 ^a
Manaus	63	8 ^a
Curitiba	58	9 ^a

O Estado do Paraná tem nove entre os 100 municípios com mais de 10.000 habitantes do sexo feminino com as maiores taxas médias de homicídio de mulheres (por 100 mil). Brasil. 2009-2013. Dos quais, sete estão na Região Metropolitana de Curitiba.

Município	Posição
Campina Grande do Sul	27 ^o
Piraquara	36 ^o
Santa Helena	44^o
Pinhais	56 ^o
Araucária	61 ^o
Almirante Tamandaré	62 ^o
Fazenda Rio Grande	73 ^o
São Miguel do Iguaçu	91^o
Colombo	100 ^o

Destes nove municípios, apenas Santa Helena e São Miguel do Iguaçu não fazem parte da Região Metropolitana de Curitiba.

Os dados aqui apresentados são publicados pelo IPARDES com a assinatura da Organização Pan-Americana de Saúde; Organização Mundial da Saúde - Américas; FLACSO Brasil; ONU Mulheres; Secretaria Especial de Política para as Mulheres; Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos e do Governo do Brasil.

Fontes:

- www.ipardes.gov.br/

- WASELFISZ Julio Jacobo. MAPA DA VIOLÊNCIA 2015 HOMICÍDIO DE MULHERES NO BRASIL. Ver www.mapadaviolencia.org.br

Acompanhe novas informações sobre este tema em www.arquidiocesedecuritiba.org.br/cf2018

JULGAR

SAGRADA ESCRITURA

A violência é um tema abundante na Sagrada Escritura, sobretudo no Antigo Testamento. Nela encontram-se fortes denúncias dos danos provocados pela violência, proibições de atos violentos e condenação de pessoas por atitudes violentas. São frequentes as perguntas sobre o porquê da presença de tanta violência que contrasta com prescrições e sugestões de atos violentos punitivos na busca por estabelecer a justiça e a superação da violência. O amadurecimento dessa problemática percorre todo o trajeto da revelação e precisa ser entendido na progressividade da revelação, onde uma leitura superficial poderia comprometer até a imagem de Deus dentro do Cristianismo (TB nº 146).

Julgar à luz da Sagrada Escritura

Mt 23, 8: Vós sois todos irmãos!

Gn 2,4-25: Harmonia do Paraíso

Gn 3, 1-24: A violência fruto do pecado do homem

Gn 4, 1-16: A morte de Abel

Gn 20- 24: Ruptura da aliança: o mal que se espalha

Jn: Livro de Jonas: o profeta em meio a violência

Sl 122 (121): Pedido de paz para Jerusalém

Mc 7,14ss: A violência presente no coração do homem

Mt 16,1-4: O sinal de Jonas

Mt 5,9: As bem-aventuranças

Ap 21- 22: A nova Jerusalém

Para refletir:**ANTIGO TESTAMENTO: A COMUNHÃO ROMPIDA E O PECADO**

1 - No AT existem muitas passagens que insinuam uma personalidade violenta de Deus, tais como convocação para guerras, cânticos de vitória, pena de morte, raiva que se converte em vingança etc. Os textos que atribuem tais características a Deus precisam ser lidos em seu contexto originário, porque estas atribuições se dão pelo limite cultural da época, que gerava uma forma de compreender o mundo distinta da de hoje. Com o avançar do processo da revelação, compreende-se que Deus é misericórdia e nele não existe violência. Assim, a violência religiosa não se justifica como desejo ou mandamento divino (TB n° 148).

2 - O primeiro ato de violência apresentado na Sagrada Escritura é o rompimento da relação do homem com Deus no paraíso. O homem rejeita a convivência amorosa e livre. Esse rompimento conduz a uma convivência violenta manifestada no assassinato de Abel pelo seu irmão Caim (Gn 4,1-16). A motivação apresentada é a irritação de Caim por não ter tido sua oferta aceita por Deus. É importante lembrar que não se trata de uma disputa entre os dois irmãos, cada um faz sua oferta. As duas poderiam ter sido aceitas, mas, por algum motivo, a de Caim não foi. O texto continua dizendo que Caim ficou cabisbaixo com a rejeição de sua oferta. Por meio de um diálogo com Deus, é apresentado que o problema real de Caim não foi apenas o fato de sua oferta não ter sido aceita. Ele desenvolveu um sentimento de revolta que o conduziu a ver seu irmão como um inimigo a ser eliminado. Desta forma, a Sagrada Escritura não afirma, mas indica o pecado como o elemento que leva à maquinação do ato violento de Caim. A comunhão rompida com o pecado das origens mostra-se agora como hostilidade e violência, podendo, até mesmo, retirar do homem o principal dom recebido, que é a sua vida (TB n° 154).

A lei de talião e o decálogo

3 - Na tentativa de conter os atos violentos, surgem leis que proíbem o assassinato (Ex 20,13; Dt 5,17), a cobiça da mulher e dos pertences alheios (Ex 20,14,17; Dt 5,18,21) e exige o compromisso com a verdade (Ex 20,16; Dt 5,20). Também se exige a justiça social para evitar que pessoas colocadas em situações desfavoráveis venham a praticar atos de violência, mesmo que em um contexto de subsistência, porque a justiça e a paz são inseparáveis (Sl 85,10). A lei de talião (olho por olho, dente por dente, presente em Ex 21,24 e Lv 24,20)

procurava estabelecer, dentro do contexto de justiça próprio daquele tempo, um limite proporcional de reparação ao mal sofrido, evitando que a violência sofrida viesse a justificar uma vingança exagerada, como acontece entre os filhos de Caim (Gn 4,23). Todas essas leis desempenharam um papel importante no momento histórico do qual fizeram parte, embora não fossem suficientes para evitar ou conter a violência. Dentre as prescrições da Torah, três se destacam de forma especial: “Não oprimas o estrangeiro; vós sabeis o que é ser estrangeiro, pois fostes estrangeiros no Egito” (Ex 23,9), onde o favor de Deus se transforma em exemplo a ser seguido pelo povo; “Não guardes no coração ódio contra teu irmão. Reprende teu próximo para não te tornares culpado de pecado por causa dele” (Lv 19,17), evitar guardar rancor, evitando assim possíveis maquinações de vinganças e o amor como mandamento; “Não procures vingança nem guardes rancor aos teus compatriotas. Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor” (Lv 19,18). A regra de ouro é apresentada como sinal de compaixão e meio de construção de uma sociedade não baseada em simples reparações ao mal e à violência, mas que busca edificar-se de forma pacífica (TB n° 159).

4 - No entanto, foi com os profetas que a reflexão sobre a violência, suas causas e seus eventuais remédios se desenvolveu. Os profetas foram perseguidos e feitos objetos de intimidação, alvos de diversos tipos de violência. O caso mais conhecido é o de Jeremias, que as autoridades religiosas quiseram matar (Jr 26) e mantiveram prisioneiro em uma cisterna (Jr 37-38). Elias teve que fugir para o deserto (1Rs 19,2) e Amós foi expulso do santuário de Betel (Am 7,10-17), entre outros casos. O discurso dos profetas sobre a violência é concreto. Eles foram testemunhas privilegiadas das violências cometidas por seu povo e das injustiças contra os mais fracos. Eles são unânimes em denunciar o uso da violência e da opressão pelo povo de Israel e pelos povos vizinhos. Falam sobre o direito e a justiça em relação aos pobres (Am 5,24; Mq 6,8; Is 58,6-7; Jr 7,3-5), Jeremias chora sobre a sorte de Jerusalém (Jr 6,6-7), Isaías lembra que as orações não são ouvidas porque o povo tem a mão suja de sangue (Is 1,15), Amós denuncia a violência nos palácios (Am 3,9b-10), Oseias fala da propagação da violência (Os 4,1-2) etc. Para além da denúncia, os profetas convidam seus contemporâneos a uma radical conversão, convidando à prática da justiça e da compaixão (Am 5,24; Jr 22,3). Uma consideração especial merece o profeta Isaías, com a visão de um mundo que renunciará à guerra e seus instrumentos de violência e, assim, poderá gozar da paz sem limites: “Lavai-vos, limpai-vos, tirai da minha vista as injustiças que

praticais. Parai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem, buscai o que é correto, defendei o direito do oprimido, fazei justiça para o órfão, defendei a causa da viúva” (Is 1,16-17); “Às nações ele dará a sentença, decisão para povos numerosos: devem fundir suas espadas, para fazer bicos de arado, fundir as lanças, para delas fazer foices” (Is 2,4); “O direito vai morar no que é deserto, a justiça tomará assento no bosque. E o fruto da justiça será a paz! A prática da justiça resultará em tranquilidade e segurança duradouras. O meu povo, então, passará a morar em ambiente feliz, em residência segura, moradia tranquila” (Is 32,16-18). Os profetas são os anunciadores das origens e os recordadores da Aliança. (TB, nº 160).

5 - Os livros sapienciais apresentam um pensamento mais maduro sobre a superação da violência. Em seus ensinamentos, excluem qualquer uso de violência, bem como qualquer tipo de cumplicidade com aqueles que dela se utilizam. Alguns fortes exemplos podem ser lidos em: “Não trames o mal contra o amigo, quando ele vive contigo cheio de confiança. Não abras processo contra alguém sem motivo, se não te fez mal algum! Não invejes a pessoa injusta e não imites nenhuma de suas atitudes, pois o Senhor detesta o perverso” (Pr 3,29-32); “Não entres nos atalhos dos ímpios, não percorras o caminho dos maus” (Pr 4,14); “Com o fruto de seus lábios a pessoa se enriquece; o ânimo dos rebeldes, porém, é só violência” (Pr 13,2); “É falso o coração dos que tramam o mal; aos que promovem a paz, porém, acompanha-os a alegria” (Pr 12,20); “Se teu inimigo tem fome, dá-lhe de comer; se tem sede, dá-lhe de beber” (Pr 25,21) (TB nº 162).

Observação:

1 - De forma semelhante, muitas páginas da Escritura confessam que Deus é misericordioso, lento para ira e rico de amor em bondade (Es 34,6; Nm 14,18; Gn 4,2; Ne 9,17; Na 1,3). A desumanidade das guerras, forma de violência coletiva, pode ser lida no livro das Lamentações, que apresenta tais barbáries em uma visão vibrante contra o uso da violência e que utiliza especialmente uma figura emblemática de não violência: o homem das dores que suplica justiça a Deus e espera em silêncio a intervenção divina (Lm 3). A violência individual é tratada em quase um terço dos Salmos, que testemunham a dor e a devastação causadas pelos violentos (Sl 7,2-3; Sl 10,7-8, Sl 27,12). Em todos os casos, a oração e a confiança em Deus são as únicas armas utilizadas pelos não violentos (TB nº 163).

2 - É à luz da palavra definitiva de Deus, que nos é dada por Jesus, que toda a delicada temática da violência e da vingança na Bíblia recebem uma resposta definitiva. Os escritos do NT nasceram à luz da Páscoa de Jesus e todos a refletem de alguma forma. O centro do NT é Jesus, que é, por excelência, uma pessoa não violenta. Por isso, não se encontra nenhum tipo de incentivo à violência em suas páginas. Muitas imagens utilizadas para falar da luta contra o mal e do combate espiritual que o cristão precisa ter são evocadas de ambientes militares, mas se referem a atitudes de disciplina, mais que de demonstração de força sobre um suposto inimigo. Não é para impressionar que a parte mais antiga e mais desenvolvida do NT seja o relato da paixão de Jesus, um evento violento e injusto que se inicia com a prisão, passa pela flagelação até o seu ocaso na crucificação (TB n.º 164).

3 - Para os cristãos, a superação da violência se baseia em sua profissão de fé, que começa afirmando: “Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”. Assim, em seu princípio, a fé cristã se abre para a fraternidade universal. A confissão de fé em um Pai comum é a semente dessa fraternidade. No Antigo Testamento, já se encontra a clara interpelação: “Acaso não temos nós o mesmo pai? Não foi o mesmo Deus que nos criou? Por que, então, nos enganamos uns com os outros, maculando, assim, a aliança de nossos pais? (...) Vigiai vossos impulsos para não serdes infieis” (Ml 2,10.16b). (TB n.º 175).

4 - São João XXIII publicou uma encíclica sobre a paz: *Pacem in Terris* (11 de abril de 1963). Nela, ele denuncia: “A violência só e sempre destrói, nada constrói; só excita paixões, nunca as aplaca; só acumula ódio e ruínas e não a fraternidade e a reconciliação”. E ensina: “A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e comunidades políticas com a comunidade mundial” (TB n.º 182).

Conhecendo o Decálogo de Assis para a paz

São João Paulo II, por duas vezes, convidou líderes religiosos para encontrarem-se em Assis em função da paz. No segundo desses encontros (2002), foi

proclamado um decálogo de compromissos, o qual foi em seguida apresentado pelo Papa na *Carta a todos os chefes de governo do mundo* (24 de janeiro de 2002). No decálogo, estão presentes os grandes temas correlatos à superação da violência e à paz, como a justiça, a solidariedade, o perdão, a educação, o diálogo, o respeito, os direitos humanos, a atenção aos pobres e sofredores, a solidariedade e o perdão (TB n.º 201).

Nesta Campanha da Fraternidade, atualizemos nosso empenho com estes compromissos (TB n.º 202):

1. Comprometemo-nos a proclamar a nossa firme convicção de que a violência e o terrorismo estão em oposição com o verdadeiro espírito religioso e, ao condenar qualquer recurso à violência e à guerra em nome de Deus ou da religião, empenhamo-nos em fazer tudo o que for possível para desenraizar as causas do terrorismo.
2. Comprometemo-nos a educar as pessoas no respeito e na estima recíprocos, a fim de poder alcançar uma coexistência pacífica e solidária entre os membros de etnias, culturas e religiões diferentes.
3. Comprometemo-nos a promover a cultura do diálogo, para que se desenvolvam a compreensão e a confiança recíprocas entre os indivíduos e entre os povos, pois são estas as condições para uma paz autêntica.
4. Comprometemo-nos a defender o direito de todas as pessoas humanas de levar uma existência digna, conforme a sua identidade cultural, e de fundar livremente uma família que lhe seja própria.
5. Comprometemo-nos a dialogar com sinceridade e paciência, não considerando o que nos divide como um muro insuperável, mas, ao contrário, reconhecendo que o confronto com a diversidade do próximo pode tornar-se uma ocasião de maior compreensão recíproca.
6. Comprometemo-nos a perdoar-nos reciprocamente os erros e os preconceitos do passado e do presente, e a apoiar-nos no esforço comum para vencer o egoísmo e o abuso, o ódio e a violência, e para aprender do passado que a paz sem justiça não é uma paz verdadeira.

7. Comprometemo-nos a estar ao lado dos que sofrem devido à miséria e ao abandono, fazendo-nos a voz dos que não têm voz e empenhando-nos concretamente para que saiam de tais situações, convictos de que, sozinhos, ninguém pode ser feliz.

8. Comprometemo-nos a fazer nosso o brado de todos os que não se resignam à violência e ao mal, e desejamos contribuir com todos os nossos esforços para dar à humanidade do nosso tempo uma real esperança de justiça e de paz.

9. Comprometemo-nos a encorajar qualquer iniciativa que promova a amizade entre os povos, convictos de que, se não há um entendimento solidário entre os povos, o progresso tecnológico expõe o mundo a riscos crescentes de destruição e de morte.

10. Comprometemo-nos a pedir aos responsáveis das nações que empreguem todos os esforços possíveis para que, quer a nível nacional quer internacional, seja edificado e consolidado um mundo de solidariedade e de paz fundado na justiça.

AGIR

AÇÕES PARA SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

1 - “Todos desejamos a paz; muitas pessoas a constroem todos os dias com pequenos gestos; muitos sofrem e suportam pacientemente a dificuldade de tantas tentativas para a construir”. Pequenos e cotidianos gestos testemunham como os valores do Evangelho são imprescindíveis para a construção de um mundo novo, sem violência. Eis o caminho para um agir que supera a violência e inspira a construção da paz (TB nº 204).

2 - A Campanha da Fraternidade deste ano nos convoca a viver a prática de Jesus no exercício da escuta, da saída missionária, do acolhimento, do diálogo, do anúncio e da denúncia da violência na dimensão pessoal e social. A lógica do amor é o único instrumento eficaz diante das ações violentas (TB nº 207).

Cultura da Fraternidade: não somos adversários, mas irmãos

3 - Ao se deparar com os excluídos que sobreviviam às margens da sociedade e com o sistema de opressão ao qual estavam submetidos, Jesus de Nazaré, com ternura e compaixão, anunciava, principalmente aos mais empobrecidos, o Reino de Deus. Ele os convidava para estar com ele e, juntos, exigir daquele sistema social de opressão justiça e igualdade de direito para todos. O anúncio por ele assumido estava vinculado a ações concretas. Nelas, Jesus propõe mudanças estruturais ao sistema de morte em que os mais pobres estavam submetidos (TB nº 220).

Pistas de ação concreta

4 - (...) Ninguém pode eximir-se de suas responsabilidades, imaginando que a violência sempre está “no outro”. É preciso que cada um se pergunte: “O que tenho feito para ajudar a construir uma cultura de paz?”. Para responder esse questionamento podem-se tomar vários caminhos como: (TB nº 223).

- Ter como critério o Evangelho, que revela as palavras, as motivações e o agir de Jesus;
- É necessária a superação do conceito de justiça que diz que todo mundo deve pagar pelo que faz;
- A misericórdia, a solidariedade e o desejo de superação devem ser os

elementos que fundamentam a ação de todos diante da injustiça, da violência, do sofrimento, do conflito e da insegurança;

- Ninguém deve pagar o mal com o mal, mas com o bem;
- Renunciar a qualquer forma de violência;
- Não se justifica colocar nas armas a solução para os conflitos humanos;
- Criar novos relacionamentos, tendo como princípio a fraternidade e a necessidade de um projeto social comum, que seja causa de bem para todas as pessoas;
- A solidariedade para com as vítimas da violência;
- O respeito pela dignidade das pessoas e o engajamento na luta para que esta dignidade seja respeitada em todas as condições da vida humana;
- A luta pela conversão pessoal e pela conversão de todos;
- Promover uma cultura que respeite as diferenças, combatendo o preconceito e a discriminação;
- Refletir nas famílias sobre o que não contribui com a cultura da reconciliação e da paz e sobre estratégias de solução;
- Repensar a própria responsabilidade em relação à sociedade em temas como: sustentabilidade, respeito aos direitos dos outros, liberdade religiosa, educação para a solidariedade e cuidado com os bens públicos;
- Promover momentos para exercer o discernimento evangélico acerca do que ocorre na comunidade, bairro, cidade, e identificar situações de violência (pontos de vendas de entorpecentes, prostituição, tráfico de pessoas, pessoas em situação de miséria, fatos ocorridos com pessoas, famílias e outros);
- Desenvolver a capacidade de diálogo com pessoas de outras denominações religiosas e de posições diferentes da sua.

Para continuar refletindo:

Esta Campanha da Fraternidade de 2018, “Fraternidade e superação da violência”, é o retrato de uma Igreja comprometida com as causas dos pequenos. Através das pastorais, essa Igreja, como mãe e educadora na fé, além de estar presente onde acontecem as violências, sofre também as dores de uma mãe que vê o seu filho ou a sua filha sendo violentado/a. As crianças, as preferidas do Reino (Mt 19, 13-15), têm a Pastoral da Criança, o Conselho Tutelar - com grande contribuição da Igreja, inclusive na aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8.069/1990) em sua defesa; as mulheres, que sofrem diversos tipos de

violências e de exclusão, têm a Lei 11.340, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha; assim também com relação à Lei 10.826/2003, através da qual foi criado o Estatuto do Desarmamento. A CNBB foi protagonista no plebiscito sobre o desarmamento. A Campanha da Fraternidade é um lugar por excelência para as pastorais, este ano ainda mais, porque também os/as líderes pastorais sofrem violências e não raramente são abatidos ao defender uma cultura de paz e, como diz o padre Zezinho, “morrem sem matar”. É de fundamental importância que as pastorais e as paróquias assumam a Campanha da Fraternidade e, unindo nossas forças, sejamos mais fortes. Como nos diz o poeta Zé Vicente, “Sozinhos somos pó, unidos somos rocha”. A Igreja diz, através de suas pastorais e juntamente com a CNBB, através da Campanha da Fraternidade, para todos os que sofrem violência, aquilo que dissera a comunidade paulina: *“Tínhamos tanto carinho por vocês, que estávamos dispostos a dar-lhes não somente o Evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, tão amados vocês se tornaram para nós”* (1Ts 2,8).

O cuidado e a justiça iluminam os trabalhos da Pastoral Carcerária, do Menor, da Terra, Indigenista e o Grito dos Excluídos, onde os embates por políticas públicas de prevenção e superação da violência são por elas assumidos. Portanto, é de suma importância o fortalecimento dessas pastorais pelas dioceses e paróquias, bem como a partilha de seus trabalhos entre as demais pastorais (TB nº 228).

Justiça restaurativa

A justiça restaurativa é uma resposta concreta à situação de violência e desestruturação social à qual as pessoas privadas de liberdade são submetidas. Ela possibilita que a pessoa seja novamente acolhida e aceita em seu meio social, familiar e comunitário (TB nº 229).

Restaurar a pessoa significa também restaurar suas relações consigo, com seus familiares, com sua comunidade e, principalmente, com a família da vítima. A vivência dos princípios da justiça restaurativa é a base para o início de uma percepção das violências em si mesmo, pois a paz começa em cada um (TB nº 230).

Pista de ação concreta

A Igreja está intimamente ligada às pessoas, à sua história e aos acontecimentos que marcam a vida de todos. Fiel a seu Fundador, que quer que todos os povos sejam seus discípulos e vivam o mandamento do amor, para isso é preciso trilhar um caminho feito de passos como:

- A comunidade insira o tema da paz em sua liturgia e oração;
- Articular, por meio do Ecumenismo e do Diálogo inter-religioso, momentos de oração pela paz em lugares simbólicos;
- Conhecer as realidades próximas da comunidade que apresentem conflitos, para um discernimento sobre as melhores soluções e contribuições possíveis;
- Acompanhar famílias, jovens, grupos de bairros rivais e escolas com incidência de conflitos em vista de superá-los;
- Apoiar as iniciativas da sociedade organizada e de organizações não governamentais que visem à cultura da paz;
- As comunidades precisam conhecer os serviços mediante os quais a Igreja se faz solidária às vítimas de violência de nossa sociedade e se empenha pela superação das injustiças e pela construção de relações segundo o Evangelho;
- Inscrever a participação nos Conselhos Paritários no plano pastoral da diocese ou paróquia, como uma das formas de participação da Igreja na edificação do bem comum da sociedade;
- Promover a formação de leigos e leigas, animando-os a se organizarem para a construção de uma sociedade que supere a violência;
- Incluir o tema da superação da violência nos programas de formação para a Iniciação Cristã, Catequese e Pastoral Juvenil;
- Promover uma Pastoral familiar capaz de ajudar cada família a superar os problemas de violência doméstica;
- Sugerir pautas aos jornais, através do relacionamento com assessores de imprensa e agentes da Pastoral da Comunicação, buscando seu envolvimento na causa da superação da violência;
- Resgatar documentos do magistério da Igreja referentes ao valor e à dignidade da pessoa humana, através da formação de grupos de estudo nas paróquias, escolas, comunidades e movimentos;

- Utilizar os meios de formação como homilia, catequese, encontros, cursos e escolas da fé para aprofundar temas relativos à superação da violência, a fim de atingir as pessoas que participam da vida eclesial;
- Aprofundar o conhecimento sobre as questões da superação da violência através da promoção de palestras e cursos destinados a bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e religiosas, com especial atenção às pastorais da criança, do menor, da juventude, da família, da saúde, da educação, carcerária e da sobriedade.

Conclusão

“Fraternidade e superação da violência” indica um caminho, uma abertura de veredas. Provavelmente, pequenos caminhos que desemboquem em uma estrada generosa onde há lugar para todos conviverem. Um lugar onde todos possam saborear o Evangelho e chegar à plenitude da vida. Os discípulos missionários são construtores e anunciadores da fraternidade. Estão, continuamente, oferecendo o perdão e a reconciliação. São mãos estendidas que oferecem a alegria de conviver e não receiam continuar estendidas nas dificuldades e agressões (TB nº 298).

A Campanha da Fraternidade deste ano de 2018, com o tema “Fraternidade e Superação da Violência”, é a Igreja conclamando a todos e todas os/as batizados/as para assumir o seu lugar no mutirão de construção da Cultura da Paz. E, mais do que um convite, é mesmo um envio, para que os leigos e as leigas assumam cristãmente o engajamento político para a transformação da realidade de violência e exclusão e a realização de cultura de paz, onde sejamos todos irmãos e irmãs. O sonho da nova sociedade do profeta Isaías está em nossas mãos. No entanto, nós precisamos, como ele, também sonharmos com um mundo em harmonia e em plena paz entre toda a criação (Is 65, 17ss). A Igreja e a CNBB conclamam as pastorais, as equipes de catequese, os grupos de oração, os Ministros da Eucaristia e da Palavra, enfim, toda a Igreja do Povo de Deus, a assumirem a Campanha da Fraternidade. Adquiram o material, solicitem ajuda à coordenação e sejam multiplicadores da mensagem de Fraternidade e de paz.

O GESTO CONCRETO – COLETA DA SOLIDARIEDADE

A Campanha da Fraternidade se expressa concretamente pela oferta de doações em dinheiro na *coleta da solidariedade*, realizada no Domingo de Ramos. É um gesto concreto de fraternidade, partilha e solidariedade, feito em âmbito nacional, em todas as comunidades cristãs, paróquias e dioceses. A Coleta da Solidariedade é parte integrante da Campanha da Fraternidade.

DIA NACIONAL DA COLETA DA SOLIDARIEDADE

Domingo de Ramos, 25 de março de 2018

Bispos, padres, religiosos (as), lideranças leigas, agentes de pastoral, colégios católicos e movimentos eclesiais são os principais motivadores e animadores da Campanha da Fraternidade. A Igreja espera que com esta motivação todos participem, oferecendo sua solidariedade em favor das pessoas, grupos e comunidades, pois: *“Ao longo de uma história de solidariedade e compromisso com as incontáveis vítimas das inúmeras formas de destruição da vida, a Igreja se reconhece servidora do Deus da vida”* (DGAE, n. 66). O gesto fraterno da oferta tem um caráter de conversão quaresmal, condição para que advenha um novo tempo marcado pelo amor e pela valorização da vida.

OS FUNDOS DE SOLIDARIEDADE

O resultado integral das coletas realizadas nas celebrações do Domingo de Ramos, coleta da solidariedade, com ou sem envelope, deve ser encaminhado à respectiva Diocese. Do total arrecadado pela Coleta da Solidariedade, a Diocese deve enviar 40% ao Fundo Nacional de Solidariedade (FNS), gerido pela CNBB. A outra parte (60%) permanece nas Dioceses para atender projetos locais, pelos respectivos Fundos Diocesanos de Solidariedade (FDS). Doações para o Fundo Nacional de Solidariedade da CNBB, para aplicação em projetos sociais, podem ser efetuadas na conta indicada ao longo de todo o ano.

HINO DA CF2018

1. Neste tempo quaresmal, ó Deus da vida,
a tua Igreja se propõe a superar
a violência que está nas mãos do mundo,
e sai do íntimo de quem não sabe amar (Mc 7,21).

Ref.: Fraternidade é superar a violência! (Mt 14,1-12)
É derramar, em vez de sangue, mais perdão! (Jo 20,21-23)
É fermentar na humanidade o amor fraterno! (Mt 13,33)
Pois Jesus disse que “somos todos irmãos” (Mt 23,8).

2. Quem plantar a paz e o bem pelo caminho,
e cultivá-los com carinho e proteção,
não mais verá a violência em sua terra (Is 59,6).
Levar a paz é compromisso do cristão! (Ef 6, 15)

3. Exclusão que leva à morte tanta gente, (EG, n. 59)
corrompe vidas e destrói a criação (LS, n. 70).
“Basta de guerra e violência, ó Deus clemente!” (Mq 2,2)
É o clamor dos filhos teus em oração.

4. Venha a nós, Senhor, teu Reino de justiça,
pleno de paz, de harmonia e unidade (Mt 6,10 e Rm 15,17-19).
Sonhamos ver um novo céu e nova terra:
Homens na roda da feliz fraternidade (Ap 21,1-7).

5. Tua Igreja tem o coração aberto, (EG, n. 46-49)
e nos ensina o amor a cada irmão.
Em Jesus Cristo, acolhe, ama e perdoa,
quem fez o mal, caiu em si, e quer perdão (Mt 18, 21).

ORAÇÃO DA CF 2018

Deus e Pai,
nós vos louvamos pelo vosso infinito amor
e vos agradecemos por ter enviado Jesus,
o Filho amado, nosso irmão.
Ele veio trazer paz e fraternidade à terra
e, cheio de ternura e compaixão,
sempre viveu relações repletas
de perdão e misericórdia.
Derrama sobre nós o Espírito Santo,
para que, com o coração convertido,
acolhamos o projeto de Jesus
e sejamos construtores de uma sociedade
justa e sem violência,
para que, no mundo inteiro, cresça
o vosso Reino de liberdade, verdade e de paz.
Amém!

CRONOGRAMA DA CF 2018

- **14 de fevereiro de 2018 – Quarta-feira de Cinzas:** Lançamento da CF 2018 em todo o Brasil, em âmbito nacional, regional, diocesano e paroquial, com a mensagem do Papa, da Presidência da CNBB e programas especiais.
- **Realização – 14 de fevereiro a 25 de março de 2018:** a Campanha deste ano se realiza com o tema: “Fraternidade e superação da violência” e o lema: “*Vós sois todos irmãos*” (Mt 23,8).
- **Domingo de Ramos – 25 de março de 2018:** Coleta nacional da solidariedade (60% para o Fundo Diocesano de Solidariedade e 40% para o Fundo Nacional de Solidariedade).
- **Avaliação – abril a junho de 2018:** nos âmbitos: paroquial (de 9 de abril a 13 de maio), diocesano (de 14 de maio a 10 de junho) e regional (de 11 de junho a 1º de julho).
- **Encontro Nacional** com representantes dos regionais da CNBB – julho de 2018.

CONTATOS DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2018

Coordenação da Campanha da Fraternidade de 2018 na Arquidiocese de Curitiba:

João Ferreira Santiago - Organizador: (41) 99865-7349 WhatsApp

Maria Inês Costa – Secretária da Dimensão Social: (41) 2105-6326 e 99645-5603 WhatsApp

Centro Pastoral Nossa Senhora da Luz

Responsável: Padre Alexander Cordeiro Lopes: 2105-6363